



**ENAN  
PUR** 2023  
Belém 22 a 26 de maio



## Em torno da palavra

práticas de pesquisa & didáticas em estudos urbanos

Eu fui  
No fundo da palavra  
Lá, eu sou.  
(MELLO, 2006, s/p)

Esta sessão apresenta e discute práticas de pesquisa, didáticas e pedagógicas agenciadas em torno de palavras. Reunimos experiências realizadas por pesquisadores vinculados à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Brasília (UnB) e à Universidade Santa Úrsula (USU). Consideramos as palavras nossos disparadores de interlocução e nós de uma infinidade de linhas que se ramificam, sugerindo a imagem deleuziana do rizoma. As palavras são portadoras de valores sociais e culturais e, assim consideradas, apresentam um potencial inesgotável de investigação. Meschonnic (1998), referindo-se aos dicionários, nos lembra que, ao procurarmos por palavras, encontramos discursos e, ao procurarmos por discursos, encontramos palavras – circularidade que nos informa sobre a historicidade das palavras, dos discursos, de subjetividades e da língua. As práticas de pesquisas, didáticas e pedagógicas que ora expomos desenvolvem-se em torno de três palavras – patrimônio, glossário do contemporâneo e desenho – importantes para o campo dos estudos urbanos. São pontos de entrecruzamentos de discursos multidisciplinares e, muitas vezes, transfronteiriços.

O caminho que trilhamos tem sido percorrido por estudiosos do urbano que são nossas referências. Entre essas, destacamos “*L’aventure des mots de la ville à travers le temps, les langues, les sociétés*” (TOPALOV; COUDROY DE LILLE; DEPAULE; MARIN, 2010), em sua versão brasileira “A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades” (TOPALOV; BRESCIANI; COUDROY DE LILLE; D’ARC, 2014), que contou com a direção de Maria Stella Martins Bresciani e reuniu contribuições de importantes pesquisadores no Brasil. As palavras neste livro circunscreveram aquelas da edição francesa, atendo-se ao diálogo entre Península Ibérica e à Ibero-América. A escolha delas pautou-se pelo intento de não as restringir às linguagens técnicas colhendo-as nas práticas cotidianas, no dizer as cidades. Ao reunir o conjunto de palavras de que trata esta obra, seus organizadores e autores colocaram em jogo a estabilidade/ instabilidade delas na transposição de mares, de idiomas e de tempos.

Laurent Coudroy de Lille e Olivier Ratouis são autores a cooperarem com este gênero de trabalho, o livro *“Les mots des urbanistes: entre parlers techniques et langue commune”* (2019) dedica-se ao estudo da configuração de um léxico a partir do século XIX que implica neologismos, jargões formulados concomitantemente ao planejamento e a ordenação das cidades.

A opção por aceder a nossas representações de mundo por meio das palavras não é um recurso exclusivo da nossa área de trabalho. Nelly Labère e Bénédicte Sère (2022) em seus estudos literários ilustram essa forma de proceder no cuidadoso livro *“Les 100 mots du Moyen Âge”*. As autoras, uma especialista em literatura da Idade Média e uma historiadora, visam apreender a ambiência desse período histórico por meio de suas palavras. De maneira semelhante, evocamos os abecedários que organizam as entrevistas realizadas com Marcel Roncayolo (CHESNAU; RONCAYOLO, 2011) e Gilles Deleuze (L'ABÉCÉDAIRE..., 1996; 2004). E o que dizer, então, de poetas, artista e escritores que atribuíram às listas de palavras ou a uma única palavra sua dimensão estética? Nos vêm à memória *“Dictionnaires des idées reçues”*, de Gustave Flaubert (1913; 2017), e *“Dictionnaire du diable”*, de Ambrose Brice (2014), os poemas dos irmãos Campos (CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 2006), de Arnaldo Antunes (2006) e as reflexões de Octávio Paz sobre o uso inusitados que os poetas fazem da palavra, como se essa fosse colhida imaculada no momento de sua origem.

Ao nos reunirmos para esta sessão, nos propusemos apresentar as formas de trabalho que desenvolvemos com as palavras, tanto no âmbito de nossas pesquisas quanto no de nossas práticas de sala de aula. Não intencionamos construir entre as palavras motivadoras de nossas exposições vínculos remissivos à maneira dos dicionários. Nos interessa mostrar como cada pesquisador constrói, a partir delas, seus caminhos metodológicos, de pesquisa e práticas didáticas e pedagógicas para a melhor compreender as representações que construímos e que nos ajudam a acessar o próprio do viver urbano, incluindo os desafios passados e presentes inerentes ao meio-ambiente, ao uso do território, às cidades, à habitação.

## PATRIMÔNIO

Os dicionários, os vocabulários, bem como os glossários são lugares de memória na língua [...]. Memória que não se faz sem desvãos, interditos, apagamentos e deslocamentos; memória tensa, tecida na e sobre a língua nos procedimentos tornados prática no fazer dicionarístico [...].

(PETRI; MEDEIROS, 2013, p. 50)

Apresentamos uma pesquisa e uma prática pedagógica centradas na seleção de 50 verbetes publicados no *“Dictionnaire d'urbanisme et aménagement urbain”* (PUF, 2015), cujas glosas são de Françoise Choay, autora conhecida mundialmente por seus estudos críticos sobre a produção da cidade e por seu interesse pelos textos. O conjunto desses verbetes pode ser considerado como um glossário/vocabulário a nos guiar pela obra da autora. São duas as edições em questão, a primeira publicada em 2005 e a segunda, em 2015, elas se prestam a comparações, pois as glosas sofrem ora alterações de forma, ora de conteúdo, e envolvem, muitas vezes, a indicação de parcerias antes ausentes.

A partir da palavra “patrimônio” exploramos a interdiscursividade presente em sua glosa, onde autores de diferentes procedências são chamados a esclarecer suas variações e abrangências, no decurso da história. A abertura dessa palavra de entrada, propiciada pelo escrutínio da trama de discursos nela presentes, ensejou a estruturação de um módulo de curso oferecido no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Com o objetivo de demonstrar a circularidade das ideias, seus marcadores temporais e culturais, os participantes foram convidados a realizarem leituras de textos clássicos de John Ruskin (2008), Camillo Sitte (1922), Aloïs Rigel (2006) e Giovannoni (2013), visando reconhecer, por meio das contribuições desses teóricos do patrimônio, a posição de Françoise Choay que conjuga as problemáticas do patrimônio numa escala territorial privilegiando a dimensão local e convergindo para o diálogo com o territorialista italiano Alberto Magnaghi (2003).

Para concluir, a discussão desta palavra, segundo a abordagem explicitada, aspiramos cooperar para os estudos urbanos e regionais, considerando sua indiscutível importância nos agenciamentos das cidades e dos territórios, quando se anuncia a possibilidade de um próximo retorno de estruturas de gestão encarregadas da cidade da cultura.

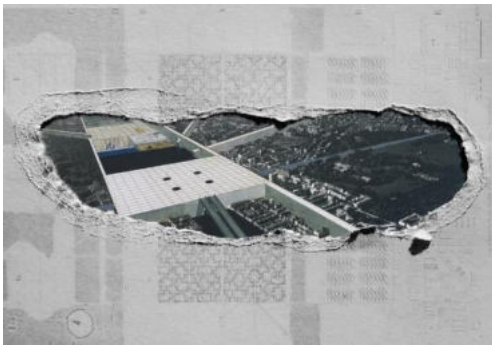
## **GLOSSÁRIOS DO CONTEMPORÂNEO**

Que diferença há entre um glossário e um vocabulário? Autores que tratam o assunto apontam para a dificuldade de precisar as definições das obras lexicográficas, isto porque os critérios de classificação e metodologias empregadas para tal não são homogêneos. Cunha e Aguilera (2019) elaboram um quadro para discutir a variedade de critérios, chamam atenção para a distinção feita por Lígia Rivera Domingues que separa, de um lado, léxico e dicionário, e de outro, glossário e vocabulário. O parâmetro de separação é o nível linguístico do corpus. O léxico e o dicionário têm por corpus a língua, enquanto o glossário e o vocabulário, a fala. Os dicionários e os léxicos seriam, para essa autora, obras de codificação da língua e os glossários e os vocabulários, obras de decodificação (DOMINGUES, [1985] *apud* Cunha; Aguilera, 2019). A diferença entre glossário e vocabulário parece suscitar problema semelhante de classificação. Independentemente dessas, cabe um parêntese sobre a origem dos glossários. Presentes desde a Antiguidade, conheceram maior desenvolvimento e popularidade na Idade Média. O latim, a língua culta, exigia a elaboração de listas de palavras cujo sentido se desconhecia, daí a origem dos glossários, usados mais pelos professores para auxiliar na interpretação de texto e que estavam, em geral, a eles integrados. Com o tempo, tornaram-se autônomos, assumindo a organização alfabética ou outra sistematização e podendo, inclusive, constituir um conjunto de termos específicos a um campo de conhecimento.

Considerando, portanto, os glossários como obras de decodificação e conjunto de termos específicos de campos de conhecimentos, vimos propondo aos estudantes de graduação da disciplina Arquitetura e Urbanismo da Atualidade, cujo recorte temporal abarca desde a segunda metade do século XX aos dias atuais, a elaboração de glossários. A complexidade da produção contemporânea e a variedade de termos, velozmente apropriados, criticados, esquecidos e supostamente redescobertos requerem guias que nos conduzam pelas searas do presente. Elegemos palavras que consideramos indispensáveis à

aproximação de questões contemporâneas e para construir as glosas, preparamos uma bibliografia com textos de áreas afins aos estudos urbanos: sociologia, geografia, economia, história, urbanismo, literatura – levando a uma coleta de termos que se abriu para autores de diferentes origens geográficas e culturais.

Além da produção textual, apresentados na forma de panfletos impressos e publicados no endereço eletrônico que registra a disciplina, solicitamos às equipes que elaborassem ilustrações autorais, como outra camada de interpretação crítica sobre os temas analisados (Figuras 1 e 2). Os trabalhos apresentados mostram o potencial das colagens como instrumento produtor e profanador de imagens e remonta às experiências das vanguardas do século passado, cujas estratégias formais permitiram, no entendimento do historiador Manfredo Tafuri, “[d]egradar os materiais da comunicação comprometendo-os com o banal cotidiano, forçando-os a espelhar-se no pântano agonizante do universo das mercadorias, reduzindo-os a signos vazios e atônitos [...]”<sup>1</sup> (TAFURI, 1980, p. 347, tradução nossa).



**Figura 1:** *Sob a Radiosa, o Exodus!* Colagem digital de L. Bandeira; V. Ayub para o verbete “Distopia Urbana”, 2021.



**Figura 2:** *O Comum Feminino.* Colagem digital de J. Duarte para o verbete “O Comum”, 2022.

## O DESENHO DO DESENHO: CULTURAS CIRCUNSCRITAS NUM TERMO

O desenho talvez pareça hoje estar radicado no edificar como uma relação indissociável: das normas da ABNT que fixam a linguagem gráfica aos procedimentos de legalização que prescindem dos mesmos; desde os cursos técnicos de edificações ou interiores aos universitários de arquitetura e engenharia, o desenho constitui parte necessária de sua formação. Esta relação naturalizada se circunscreve nas culturas disciplinares e em sua inserção nas culturas administrativas. Contudo, tomamos por evidentes culturas do edificar que cotidianamente extravasam esses espaços se valendo de saberes encarnados. Desqualificadas pela adjetivação, ditas informal, tradicional, primitiva, vernacular, são desqualificadas antes pela ausência do desenho e aquilo que este sustentaria: o edificar como *cosa mentale*.

A cultura do desenho de que trataremos é, portanto, uma forma de governo e de poder, uma forma de distinção e privilégio, um saber secularmente cultivado por

<sup>1</sup> Tradução livre do original: “Degradare i materiali della comunicazione compromettendoli con il banale quotidiano, costringendoli a specchiarsi nell’angosciante palude dell’universo delle merci, riducendoli a segni svuotati e attoniti [...]”

grupos, aqueles que reivindicam o desenhar cidades e territórios. Em particular o desenho é, como dissemos, uma forma do pensamento. Ou assim o supõe uma tradição teórica sobre o termo que o desmaterializa e tira de sua condição mundana. Mas ao contrário, nos perguntamos de que mundos o termo é feito? Como as práticas situadas, ancoradas em atores sociais, nos permitem entrever as associações que estabelecem? No discurso falado isto coloca o termo na relação com seu vocabulário. Mas se compreendemos que a fala é uma prática, a escrita ainda outra, poderíamos desdobrar toda uma série de práticas que, analogamente, se associam ao desenho como um 'vocabulário' de gestos.

Os intervalos do dito, quanto mais do escrito, são plenos de gestos. Sem solução de continuidade e coerência entre modalidades diversas de práticas, é antes o convívio de material heterogêneo que nos interessa. Este convívio se acomoda em cada cultura, para espanto daqueles meios que propagandeiam uma civilização universal. De modo que também a longa experiência no Brasil vem tecendo graus de distância, diálogo e elaboração própria do que se professou em Florença, Roma ou Paris desde o Renascimento.

Buscaremos desestabilizar algumas das pretensões universais afirmadas nas tradicionais formações em Arquitetura e Urbanismo, para então cotejá-las com as práticas situadas em nossa cultura. Objeto de tematização textual desde Alberti, o desenho não é neutro nem se restringe a mera representação de um prédio ou assentamento, como alguns imaginam, mas carregam consigo os modos pelos quais organizamos e desejamos a vida social. Portanto, é hoje uma reflexão emergente repensar o desenho e sua pedagogia na formação daqueles que desenham cidades face às crises ambientais e sociais que vivemos. Retomar o desenho como objeto de reflexão a partir de suas práticas e representações é buscar atualizar os horizontes que o desenho ainda pode, deve e deseja, designa desenhar.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Arnaldo. **Como é que chama o nome disso**: antologia. São Paulo: Publifolha, 2006.
- BRICE, Ambrose. **Dictionnaire du diable**. Paris: Flammarion, 2006.
- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. **Teoria da poesia concreta**: textos críticos e manifestos, 1950-1960. 4. ed. Cotia: Ateliê, 2006.
- CHESNEAU, Isabelle; RONCAYOLO, Marcel. **L'abécédaire de Marcel Roncayolo**: entretiens. Paris: Infolio, 2011.
- COUDROY DE LILLE, Laurent; RATOUIS, Olivier. **Les mots des urbanistes**: entre parlers techniques et langue commune. Paris: L'Harmattan, 2019.
- CUNHA, Claudio de Assis; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Tipologia das obras lexicográficas e o léxico histórico do português Brasileiro. **Filologia Linguística Portuguesa**. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 99-114, jan./jun. 2019. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/157934>>. Acesso em 01/12/2022.
- FARIAS, Emilia Maria Peixoto. Uma breve história do fazer lexicográfico. **Revista Científica Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 3, n. 5, p. 89-97, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/961>>. Acesso em: 21 jan. 2021

FLAUBERT, Gustave. **Dictionnaire des idées reçues**. Texte établi d'après le manuscrit original et publié avec une introduction et un commentaire. Paris: Louis Conard Libraire-Éditeur, 1913. Disponível em: <[https://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Flaubert\\_Dictionnaire.pdf](https://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Flaubert_Dictionnaire.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FLAUBERT, Gustave. Dicionário das ideias feitas. *In*: FLAUBERT, Gustave. **Bouvard e Pécuchet**. Tradução: Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017. p. 365-382.

GIOVANNONI, Gustavo. Velhas cidades e nova construção urbana. [1913]. Tradução Renata Campello Cabral e Carlos Roberto M. de Andrade. *In*: KUHL, Beatriz M. (org.). **Gustavo Giovannoni, textos escolhidos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2013. p. 91-135.

JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico, tomo I: modos de pensar**: Salvador: EDUFBA, 2018.

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze, avec Claire Parnet. Directed by Pierre-André Boutang (1996). Tradução e notas: Charles J. Stivale. Disponível em: <[https://deleuze.cla.purdue.edu/sites/default/files/pdf/lectures/en/ABCMsRevised-NotesComplete051120\\_1.pdf](https://deleuze.cla.purdue.edu/sites/default/files/pdf/lectures/en/ABCMsRevised-NotesComplete051120_1.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2022.

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze. Avec Claire Parnet. Produção e direção de Pierre-André Boutang. Paris: Éditions Montparnasse, 2004. 3 DVDs (7 horas e 33 minutos).

LABÈRE, Nelly; SÈRE, Bénédicte. **Les 100 mots du Moyen Âge**. Paris: PUF, 2022.

MELLO, Márcia Metran de. **Goiânia: cidade de pedras e de palavras**. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

MESCHONNIC, Henrie. **Des mots et des mondes: dictionnaires, encyclopédies, grammaires, nomenclatures**. Paris: Hatier Jeunesse, 1998.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Tradução: Ari Roitman; Paulina Wacht. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

PETRI, Verli; MEDEIROS, Vanise. Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. **Letras: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 43-66, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2176148511725>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese**. Tradução do francês de Elaine Ribeiro Peixoto e Albertina Vicentini. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

RUSKIN, John. **A lâmpada da memória**. Tradução e apresentação de Maira Lúcia Bressan Pinheiro. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

SITTE, Camilo. **A construção das cidades segundo os seus princípios artísticos**. Tradução: Ricardo Ferreira Henrique. São Paulo: Ática, 1992.

TAFURI, Manfredo. **La sfera e il labirinto: avanguardie e architettura da Piranesi agli anni '70**. Turim: Giulio Einaudi, 1980.

TOPALOV, Christian; COUDROY DE LILLE, Laurent;.DEPAULE, Jean-Charles; MARIN, Brigitte (org.). **L'aventure des mots de la ville à travers le temps, les langues, les sociétés**. Paris: Bouquins Editions, 2010.

TOPALOV, Christian; BRESCIANI, Maria Stella; COUDROY DE LILLE, Laurent; D'ARC, Hélène Rivière (org.). **A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades = La aventura de las palabras de la ciudad, a través de los tiempos, de los idiomas y de las sociedades**. Tradução: Alicia Novick. São Paulo: Romano Guerra, 2014. (Coleção RG bolso, 9).